

kogut@oglobo.com.br

PATRÍCIA KOGUT



COM FLORENÇA MAZZA, ANNA LUIZA SANTIAGO,
CLARA PASSI E RAFAELA SANTOS

SALVE JOÃO EMANUEL

Autor da inesquecível "Avenida Brasil", João Emanuel Carneiro já voltou ao trabalho. Ele está escrevendo a sinopse de uma novela para as 21h da Globo, ainda sem data para ir ao ar. Carneiro tem uma certeza por enquanto: gostaria muito de trabalhar com Dira Paes.

10

Para Eliana Rocha, pela Luz Divina de "Pé na cova". A personagem é uma daquelas coadjuvantes que fazem a diferença e conseguem se destacar mesmo entre um elenco hipertalentoso, como o do programa.

0

Para o sinal do AXN. Durante "Criminal minds" esta semana, o som sumia e a imagem "derretia" bem na hora do "quem matou Odete Roitman?". No canal HD, idem ibidem. Socorro.

'The walking dead' chega ao fim prometendo um mundo novo

Crítica

A terceira temporada de "The walking dead", encerrada esta semana na FOX (a volta é em outubro), deixou várias lições no ar. No penúltimo episódio, o programa validou a democracia como único sistema político viável. Foi quando Rick (Andrew Lincoln) tomou sozinho a decisão de entregar Michonne (Danai Gurira) ao Governador (David Morrissey). Arrependido, abriu o jogo para o grupo e fez um *mea culpa*. Jurou nunca mais deixar algo assim passar sem voto.

Outro marco foi o assassinato cometido por Carl (Chandler Riggs). Sua segurança e a total falta de sentimento de culpa depois de ter matado a sangue frio um jovem que estava se entregando foi um choque. E também uma indicação de que o personagem, criança, é um fruto desse mundo sem esperança em construção. Seu comporta-

mento provou que — para o bem ou para o mal — já existem regras morais novas imperando no planeta. Se a referência à democracia carregou o enredo para a civilização, Carl lembrou o público de que o ambiente é de barbárie.

Finalmente, "The walking dead" tem muitos simbolismos. Todos os personagens se envolveram — seja no ataque, seja na defesa — na guerra em torno de um presídio. E, nesse mundo que está tendo seus dez mandamentos reavaliados, não há, obviamente, sistema judiciário. A frase mais ouvida no último capítulo — "É matar ou morrer" — corrobora isso. Uma prisão, portanto, é um prédio oco e abandonado como outro qualquer. Mostrar uma prisão vazia, desprovida de significado, é o fim do certo e do errado. Ou seja: o cúmulo da iconoclastia.

A parte piegas ficou por conta da agonia de Andrea (Laurie Holden). Esticaram demais e o desfecho foi triste até dizer chega. Mas valeu, que outubro chegue logo.

LUTO DE MENTIRA

Marisa Orth lê o texto de "Sangue bom" num intervalo das gravações da novela de Maria Adelaide Amaral e Vincent Villari. Na história, ela será Damaris, mulher rica que nunca investiu em educação. Por alguns capítulos, ela se vestirá de preto em sinal de luto por ter se divorciado de Wilson (Marco Ricca)

NÃO ESPANTA

A reserva dos anunciantes em relação a séries sanguinolentas já era. É que atrações como "The walking dead" são das poucas capazes de atrair homens entre 18 e 34 anos, público muito cobiçado pelo mercado publicitário. Daí o Hyundai Tucson verde novinho em folha que transportou sobreviventes na temporada que acabou.

OLHAR O BRASIL

O artista plástico Cabelo entre Anna Azevedo e Rosa Melo, diretoras de "Brasil visual", série de documentários da TV Brasil que vai mapear o universo da arte contemporânea no país



EDUARDO SOUZA LIMA